

## **VIOLÊNCIA DE GÊNERO NOS SITES DE REDE SOCIAL**

**Autora: PRICILLA FARINA SOARES<sup>1</sup>; Orientadora: RAQUEL DA CUNHA  
RECUERO<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Católica de Pelotas (UCPel) – [pricillafsoares@gmail.com](mailto:pricillafsoares@gmail.com)*

<sup>2</sup>*Universidade Católica de Pelotas (UCPel) – [raquel@pontomidia.com.br](mailto:raquel@pontomidia.com.br)*

### **1. INTRODUÇÃO**

As diferentes plataformas online que hoje permitem a interação de inúmeros grupos sociais, seja por aplicativos de conversação ou sites de rede social podem permitir que vejamos com mais clareza os discursos sociais enraizados e incutidos em determinadas culturas. Ao nos apropriarmos das ferramentas que os sites disponibilizam, nos tornamos interagentes e reproduzimos discursos de poder que seguem atingindo grupos minorizados, como é o caso das mulheres e dos homossexuais. Mas será que esses interagentes percebem a força desses discursos, seus padrões e o impacto que eles geram quando são propagados em rede?

Pensando os discursos a partir das ideias de FOUCAULT (2014), que se caracterizam como formas próprias de poder, eles dependem da estrutura social e, portanto, as relações de poder são intencionais e não subjetivas. Para o autor o discurso e suas interdições demonstram logo a sua ligação com o desejo e o poder. Ao se desejar ter domínio ou comando sobre as pessoas e as coisas, os sujeitos têm o poder de controlar aquilo que é dito e como é dito. As interdições se referem aos rituais das circunstâncias, contexto, o tabu do sujeito ou do próprio discurso, e os direitos dentro da própria palavra que permitem a determinadas pessoas emitir um discurso ou retê-lo, como uma apropriação social. Há um entendimento de que não se pode dizer o que se quer em qualquer circunstância, ou seja, os enunciados são limitados conforme suas condições históricas (CASTRO, 2014).

Essa limitação dos discursos cria sentidos de verdade, que são solidificados nas sociedades por meio de normatizações, regras e disciplinas. O que interessa no discurso não é que ele contenha a verdade, mas sim que ele esteja no verdadeiro (FOUCAULT, 2014), que faça sentido dentro de uma realidade estabelecida. As disciplinas surgem com vistas a uma determinada finalidade estratégica (a de manter indivíduos politicamente dóceis e rentáveis economicamente) a qual o funcionamento e objetivos podem se modificar conforme as novas exigências (CASTRO, 2014). É uma forma de coerção e de um ritual que pré-estabelece os papéis de cada pessoa, e onde estas devem conservar o discurso atribuído ao seu papel. Entende-se, por conseguinte, que os indivíduos estão sujeitos não só às disciplinas reguladoras e às forças coercitivas, como também àquilo que efetivamente atribui significado a esta coerção: o discurso.

Se o discurso de poder é imposto por grupos dominantes e que instauram sentidos de verdade, estas estruturas e formas de se estabelecer o mundo são feitas pelo que BOURDIEU (1989) chamou de poder simbólico. Este poder se estabelece por uma violência simbólica, que não é palpável nem visível como a violência física, mas que se apresenta sob a condição de grupos dominadores e grupos dominados (e a aceitação destes como dominados). Tanto BOURDIEU (1989) quanto ŽIŽEK (2009) abordam a violência sistêmico-simbólica a partir de uma perspectiva de dominação por parte dos sistemas sociais e da linguagem, que impõem discursos de verdade e estabelecem hierarquias.

É o que ocorre com os gêneros e os sexos, que são impostos socialmente, criando padrões de gênero que servem às determinações dos grupos dominantes.

BUTLER (2013) chamará essas diferenças identificáveis nas relações de gêneros performativos, porque são construções culturais e discursivas. Até mesmo a performatividade dos sujeitos está atrelada às normas, porque é por meio da representação do corpo que conseguimos distinguir a qual gênero determinada pessoa pertence, e isto implica uma série de efeitos, porque materializam a impressão do que é ser uma mulher ou do que é ser um homem pela forma com que andamos, nos vestimos ou falamos, a partir do nosso próprio corpo.

O intuito deste trabalho foi analisar, entre usuários de sites de rede social, a partir de um questionário semiaberto como as pessoas compreendem a violência de gênero nos sites de rede social, buscando entender a partir das respostas as apropriações das ferramentas e os padrões discursivos de poder, e como a violência sistêmico-simbólica influencia na percepção e na manutenção ou não da performatividade dos gêneros – com foco no gênero feminino – sob a visão de um corpo físico que não está presente na interação online. A comparação entre as respostas ajudou a estabelecer estes parâmetros de 125 respostas analisadas para este trabalho.

## **2. METODOLOGIA**

O presente trabalho utilizou os conceitos de discurso e poder de FOUCAULT (2014) e CASTRO (2014), bem como os conceitos de poder simbólico de BOURDIEU (1989) e seu entendimento sobre a violência sistêmico-simbólica aliando-o aos conceitos propostos por ŽIŽEK (2009). Também foram levados em consideração os conceitos de sexo e gênero propostos por BUTLER (2013), concentrando-se na proposta de performatividade dos gêneros a partir da imagem de verdade que criamos e recriamos para os sujeitos. A análise foi realizada através de um questionário semiaberto de 11 perguntas, de onde foram coletadas 125 respostas, sendo 103 de pessoas do sexo feminino e 22 do sexo masculino, e feito um comparativo com as respostas fechadas e dissertativas, que ajudaram a compreender os padrões discursivos da violência de gênero em ambientes de interação online.

As perguntas fechadas propostas no questionário foram: 1) sexo; 2) Idade; 3) Você acha que há violência contra as mulheres nos sites de rede social?; 4) Em caso afirmativo, em quais destas redes você acha que os casos de violência são mais recorrentes?; 5) Já entrou em algum tipo de discussão porque considerou pejorativos/negativos comentários destinados às mulheres?; 6) Já sofreu algum tipo de assédio nos sites de rede social apenas por sua condição de ser homem/mulher?; 7) O que você acha do compartilhamento de vídeos e fotos íntimas de mulheres em suas redes?; 8) Sobre a violência de gênero (a) As ferramentas disponíveis apenas permitiram identificar um comportamento social já existente ou b) Acredito que a internet aumentou a intolerância e a violência de gênero). E as perguntas abertas realizadas foram: 1) gênero; 2) Em caso afirmativo (de já ter sofrido algum tipo de assédio online pela condição de ser mulher/homem) conte resumidamente alguma história que o/a tenha marcado; 3) Acha que há exagero sobre o que andam considerando como violência de gênero? Explique.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nas respostas coletadas, responderam o questionário 103 pessoas do sexo feminino e 22 do sexo masculino. Quanto ao gênero a pergunta aberta permitiu identificar como as pessoas qualificam o termo, sendo que as respostas variaram desde apenas “feminino” e “masculino”, passando por “cis”, “homossexual” e a pergunta “o que é gênero?”, mostrando que a construção discursiva e a imposição

do que é um gênero neste contexto histórico é para alguns muito óbvia e para outros, questionável. A maioria das pessoas tem entre 19 e 24 anos (54 pessoas), depois acima de 31 anos (38 pessoas) e de 26 a 30 anos (32 pessoas). Das 125 pessoas, 95.2% (119) acreditam que há violência de gênero contra as mulheres nos sites de rede social, enquanto que somente 4.8% acreditam que não, sendo três do sexo/gênero feminino e três masculinos. Na pergunta de múltipla escolha sobre em quais redes a violência ocorre mais, 100% (119) escolheram o Facebook, 56.3% (67) o WhatsApp, e em terceiro, 37.8% (45) das pessoas também responderam o Twitter, seguidos do Instagram, Snapchat e outros.

Sobre já ter entrado em algum tipo de discussão, 56.8% (71) já entraram em discussões, 27.2% (34) não, mas já acompanharam, e 10.4% (13) já participaram de discussões, mas acabaram se arrependendo. Sobre já terem sofrido assédio online pela condição de ser homem/mulher, 57.6% (72) responderam “não, nunca”, 25.6% (32) responderam “sim, algumas vezes” (sendo três homens heterossexuais), 12% (15) “sim, muitas vezes” (um sendo homem homossexual), e 4.8% (6) “sim, uma vez”. Cento e sete pessoas, 85.6% disseram considerar um tipo de violência contra a mulher o compartilhamento de vídeos e fotos íntimas sem consentimento, 7.2% acham que a mulher deveria cuidar mais da própria imagem e 4% não tem opinião formada sobre o assunto. Cento e oito pessoas (86.4%) afirmaram que as ferramentas disponíveis apenas permitiram identificar um comportamento social existente, enquanto que 16 (12.8%) acham que a internet aumentou a intolerância e a violência de gênero.

Quanto às duas outras questões abertas, onde quem já afirmou ter sofrido algum assédio e contou algum fato marcante, 39 pessoas contaram suas histórias. Entre elas é possível perceber que há um padrão discursiva não apenas nos termos utilizados em trocas conversacionais, como a imposição de uma classe dominante sobre uma classe dominada, mas também a condição performática imposta ao gênero feminino foi assunto levantado por essas pessoas. A maioria das histórias eram de pessoas que se apropriaram das ferramentas online para legitimar um discurso simbólico e sistematicamente violento, muitas vezes também mascarado pela aparente invisibilidade das redes online.

Entre os exemplos mais encontrados está o fato de que as mulheres, ao tentarem se posicionar sobre determinado assunto tem sua opinião desacatada, sendo ofendidas por orações como “vai lavar uma louça”, “puta”, “vagabunda”, “histérica” e questões sobre o nível intelectual dessas mulheres. Muitos assédios ocorrem por mensagens privadas, com adições de contato e envio de fotos com conotação sexual ou propostas do tipo. Alguns comentários consideraram a própria ação de adicioná-las como contato um tipo de assédio, mostrando como a apropriação de uma ferramenta constroi diferentes discursos. A condição performática do gênero esteve presente nos exemplos não apenas em relação a conduta sexual ou comportamento intelectual, mas também em relação ao próprio corpo, chamando-as de gordas, feias, ou que eram bonitas demais para discutirem política ou futebol. Em relação à pergunta se há exagero ou não no que consideram como violência de gênero, oito pessoas responderam que sim, há exagero, e as justificativas variaram entre o vitimismo, o politicamente correto e o fato de uma delas não considerar palavras como uma forma de violência. Cinco pessoas responderam que há um pouco de exagero, e outras três acham que depende da situação. As demais 109 pessoas acham que não há exagero, e que o assunto precisa ser debatido.

O que se percebe nas histórias contadas por quem sofreu algum tipo de assédio e as respostas das questões fechadas é que há um discurso de poder onde mulheres (e homossexuais) são reprimidas, e que a performatividade, a maneira com a qual mulheres são identificadas e representadas socialmente como objetos de desejo e de beleza são repassadas para o ambiente online. Quando as pessoas responderam que já entraram em discussões do tipo, mas se arrependeram, a violência simbólica se faz presente porque estas assumem sua posição de dominadas, assim como o fato de mais de 95% das pessoas acreditarem haver violência de gênero, mas 72% afirmarem que nunca sofreram nenhum tipo de assédio online. Em muitos dos comentários também havia o discurso do medo pelo assédio mostrando essa posição de poder por parte do outro, que exige que a performatividade do gênero feminino seja correspondente com o sentido de verdade criado pela maioria, mesmo quando o corpo não está fisicamente presente nessas interações. Por último, a apropriação das ferramentas desses sites e aplicativos permite que as pessoas interfiram quando há um tipo de violência que, para a maioria delas, se mostra mais na internet do que a ideia de que a internet produz novos discursos de violência.

#### 4. CONCLUSÕES

Com este trabalho conclui-se que há a percepção nos meios online de interação social, por parte dos interagentes, de um discurso violento em relação aos gêneros, e que esses discursos estão se tornando mais evidentes. Percebe-se que não necessariamente surgem novos discursos, já que há a manutenção da performatividade e sentidos de verdade e poderes instituídos socialmente, mas que há uma apropriação das ferramentas para que essa violência sistêmico-simbólica se propague em maior quantidade, com mais visualizações e com maior rapidez e facilidade. Ao mesmo tempo em que as pessoas percebem essa violência, nem todas assumem para si a posição de dominados e tentam reverter esses discursos, e esta é uma posição própria do poder e da violência simbólica. A maioria das respostas diz respeito a um tipo de assédio ou violência que atingiu diretamente essas pessoas, com mensagens privadas ou remetidas especificamente a elas, não havendo quase comentários de situações mais distantes a elas, com violências que não são direcionadas a ninguém em específico, mas que atingem de forma geral o gênero feminino, instaurando uma violência de gênero online.

A partir dessas perspectivas pode-se analisar como se dão essas apropriações, se há diferenças em cada ferramenta e os motivos pelos quais a aparente invisibilidade na rede pode incentivar a propagação de discursos que não são ditos em ambientes off-line, por causa das normatizações e disciplinas, mas que ocorrem com facilidade em ambientes conversacionais conectados.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero- feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CASTRO, E. **Introdução a Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- LEMOIS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- RECUERO, R. **A conversa em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- ŽIŽEK, S. **Violência- seis notas à margem**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009.